

ANÁLISE DAS EXPERIÊNCIAS DO CURSO DE PEDAGOGIA DA TERRA NA UNEMAT

Autor: OLIVEIRA, Fabio Silva de¹

Orientador: ZART, Laudemir Luiz²

Universidade do Estado de Mato Grosso – Unemat

Palavras-chave: Educação do Campo, Pedagogia da Terra, Reforma Agrária

RESUMO: Com base na metodologia de estudo de caso, descrevemos e interpretamos os resultados da formação de professores no curso de Pedagogia da Terra da Universidade do Estado de Mato Grosso – Unemat. Com a duração de quatro anos, teve como organização social demandante o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST). Foi realizado entre agosto de 1999 e julho de 2003, na Unemat, campus “Jane Vanini” em Cáceres. Coordenado pela Prof.^a Me. Eliana Ribeiro de Moura e Prof.^a Dr.^a Vani Maria Melo Costa, o curso representou a primeira experiência formativa de ensino superior do Brasil de uma universidade pública com movimentos sociais do campo. Através da parceria com o MST foram contemplados estudantes dos Estados de Mato Grosso, Mato Grosso do Sul, Rondônia, Goiás, Paraná, São Paulo e Pará, somando um total de 60 vagas, sendo 35 destinadas para Mato Grosso e 25 para os demais estados. O curso nasceu com o objetivo da formação de educadores para romper barreiras das desigualdades econômicas, sociais e culturais vividas no Brasil, trabalhando em defesa dos povos do campo, enfatizando o olhar ecológico da relação homeostática do ser humano com a natureza, da construção de relações igualitárias de gênero, da desconstrução das desigualdades sociais e do reconhecimento das identidades do homem e da mulher do campo. Desenvolvido com a metodologia da Pedagogia da Alternância, o curso objetivou preparar educadores/as do campo, dado o problema nacional de falta de professores qualificados para atuar no campo. Esta situação constituía em urgência a qualificação de educadores para as escolas dos assentamentos.

1.
Grosso – Direito

2.
Grosso – Doutor em Sociologia.

Acadêmico da Universidade do Estado de Mato

Professor da Universidade do Estado de Mato

ANÁLISE DAS EXPERIÊNCIAS DO CURSO DE PEDAGOGIA DA TERRA NA UNEMAT

Autor: OLIVEIRA, Fabio Silva de¹

Orientador: ZART, Laudemir Luiz²

Universidade do Estado de Mato Grosso – Unemat

Palavras-chave: Educação do Campo, Pedagogia da Alternância, Pedagogia da Terra, Reforma Agrária

Este trabalho faz uma análise do curso de Pedagogia da Terra, na Universidade do Estado de Mato Grosso. Através da análise de dados dos processos de constituição e organização do curso e de informações obtidas através da I Pesquisa Nacional da Educação na Reforma Agrária (I PNERA), realizada em 2004, pelo Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira, em parceria com o Programa Nacional da Educação na Reforma Agrária – PRONERA realizaram a primeira Pesquisa Nacional da Educação na Reforma Agrária possibilitando a criação de um banco de informações, mapeando e identificando a demanda educacional em 5.595 assentamentos localizados em 1.651 municípios. Através destes dados foi possível identificar 8.679 escolas em assentamentos ou ao redor de assentamentos que ainda não constavam no Censo Escolar, sendo, até o momento, desconhecidas pelo Governo Federal. A partir daí, foi possível incluir essas escolas no Censo Escolar anual, garantindo assim um grande banco de informações sobre a Educação no Campo.

Apesar da grande importância do trabalho desenvolvido no mapeamento das escolas e sua inclusão, ainda restaram enormes lacunas no que tange as ações voltadas a Educação do Campo. Sendo assim, em 2012 foi lançada a II Pesquisa Nacional da Educação na Reforma Agrária – II PNERA visando preencher as lacunas das ações do PRONERA. Através da II PNERA será possível mapear os cursos e projetos já realizados, os educadores e disciplinas ministradas, as diversas parcerias firmadas para a realização dos cursos, os educandos beneficiados pelo programa, as instituições de ensino parceiras, as principais organizações demandantes e toda a produção bibliográfica produzida pelos educandos ou sobre as ações do PRONERA.

Toda essa informação está sendo armazenada no sistema DATAPRONERA, que reúne todas as ações do PRONERA de 1998 – ano de sua criação – até 2011, envolvendo mais de 100 instituições de ensino e 400 mil alunos.

Apresentamos a seguir, substanciados na teoria da Sociologia do Conhecimento, a análise do curso de Pedagogia da Terra. Com base na metodologia de estudo de caso, descrevemos e interpretamos os resultados da formação de professores. Com a duração de quatro anos, teve como organização social demandante o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST).

O MST teve papel fundamental na constituição do curso de Pedagogia da Terra, através de seus inúmeros manifestos, tendo como uma das principais bandeiras de campanha as ações em prol da Educação do Campo, exigindo um curso que atendesse professores atuantes em escolas de assentamentos da reforma agrária, dado o problema nacional da falta de professores qualificados para atuar no campo, construindo urgência na qualificação destes profissionais.

O projeto contou com a parceria do Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (INCRA) no repasse financeiro, Empresa Matogrossense de Pesquisa e Assistência e Extensão Rural S/A (EMPAER) cedendo espaço físico para alojamento dos educandos e Secretaria de Estado de Educação de Mato Grosso (SEDUC) arcando com a remuneração dos professores.

Foi realizado entre agosto de 1999 e julho de 2003, na Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT), campus “Jane Vanini” em Cáceres. Coordenado pela Prof.^a Me. Eliana Ribeiro de Moura e Prof.^a Dr.^a Vani Maria Melo Costa, o curso representou a segunda experiência formativa de ensino superior do Brasil de uma universidade pública com movimentos sociais do campo.

Ao todo foram contemplados estudantes dos Estados de Mato Grosso, Mato Grosso do Sul, Rondônia, Goiás, Paraná, São Paulo e Pará, somando um total de 60 vagas, sendo 35 destinadas para Mato Grosso e 25 para os demais estados.

O curso nasceu com o objetivo da formação de educadores para romper barreiras das desigualdades econômicas, sociais e culturais vividas no Brasil, trabalhando em defesa dos povos do campo, enfatizando o olhar ecológico da relação homeostática do ser humano com a natureza, da construção de relações igualitárias de gênero, da desconstrução das desigualdades sociais e do reconhecimento das identidades do homem e da mulher do campo.

O processo de constituição do curso foi complexo, pois como se tratava de uma experiência nova com a Educação do Campo, não se sabia ao certo como organizar um curso que atendesse de forma significativa os interesses dos movimentos sociais do campo. Inicialmente a criação do curso seguiu as mesmas diretrizes do curso regular de Pedagogia da UNEMAT, que funcionava com duas habilitações, docência das séries iniciais do ensino fundamental e supervisão escolar do ensino médio.

Através de reivindicações dos representantes do setor de educação do MST constatou-se a necessidade de integrar as atividades de formação pedagógica com a realidade dos assentamentos, sendo assim, o projeto além de resguardar as diretrizes do curso de Pedagogia, também reservou um espaço para o chamado tempo comunidade, destinado aos estudos específicos do MST.

Desenvolvido com a metodologia da Pedagogia da Alternância, que consiste na organização do ensino escolar conjugando diversas experiências formadoras trabalhando no ambiente de ensino e na comunidade, criando uma série de relações do educando com o mundo que o cerca, tendo como objetivo a formação profissional. O curso objetivou preparar educadores/as do campo, profissionais que estavam diretamente ligados aos movimentos sociais do campo, que conhecem a realidade das comunidades e suas demandas.

A materialização do curso Pedagogia da Terra passou por um grande momento de instabilidade e incerteza, não apenas na área financeira, mas também com as diferentes concepções de projetos de educação e de sociedade difundidos pelo MST e pela Unemat.

Um dos grandes problemas enfrentados para a constituição e conclusão do curso se deu pelo público diferenciado, exigindo um tratamento diferente nas questões de organização. Era necessária uma infraestrutura adequada para abrigar os educandos, além de salas de aula, biblioteca, refeitórios, passagens, atendimento de saúde, etc. A Unemat por si só não dispunha de orçamento para cobrir todos esses gastos, a solução foi articular juntamente com o MST em busca de financiadores. Esse trabalho levou quase dois anos.

Foram várias as instituições procuradas, inclusive o Ministério da Educação e Cultura, porém, sempre com respostas negativas. Existia uma enorme falta de apoio aos movimentos sociais do campo por parte do Governo Federal, além de o governo FHC ter reduzido e redirecionado os gastos com a Educação.

Após inúmeras mobilizações do MST em diversos estados, pressionando o governo do estado e outras instituições, finalmente chegaram a um acordo. Depois de muitas negociações foi possível fechar as parcerias para o início do curso.

Durante o curso ainda houve problemas com o repasse financeiro, a comunicação entre os movimentos sociais do campo, universidade, governo do estado, INCRA e Tribunal de Contas da União era complexa, o “excesso” de burocracia envolvida no processo de análise financeira e jurídica acabou por atrasar praticamente todos os repasses para a manutenção do curso. Esse cenário fez com que os acadêmicos do curso de Pedagogia da Terra colassem grau com seis meses de atraso.

Problemas com a falta de estrutura para o curso, como salas de aulas em locais definidos, alojamento, etc, também foram um desafio para a universidade e os educandos. O MST inclusive instalou barracas de palha no campus da universidade como forma de protesto e reivindicação de espaço adequado para as aulas.

Conflitos internos e com a coordenação do curso trouxeram um grande clima de instabilidade durante um certo tempo. Inclusive com o pedido feito pelos estudantes para o afastamento das coordenadoras do curso. Apesar do clima preocupante, após reuniões com representantes nacionais do MST e da Unemat foi possível entrar em um acordo e prosseguir com as atividades do curso.

Passados os conflitos, em julho de 2003, colavam grau 45 acadêmicos/as da primeira Turma de Pedagogia da Terra da Universidade do Estado de Mato Grosso, constituindo um marco na história da luta dos movimentos sociais do campo e da UNEMAT.

A inclusão de cursos voltados aos movimentos sociais do campo no ambiente da universidade é de extrema importância para a valorização do homem do campo, não só por caráter pedagógico, mas também por proporcionar a possibilidade da criação de novas políticas públicas voltadas ao campo, além de viabilizar e ampliar os canais de contato com outras universidades e movimentos sociais do campo.

As experiências no desenvolvimento do curso proporcionaram uma visão mais concreta à cerca do homem do campo. Permitem um intercâmbio de saberes, criam uma ponte de diálogo entre a universidade e os movimentos sociais do campo, trazendo a realidade do campo, aliando a formação acadêmica não só ao conhecimento científico, mas também à Reforma Agrária e ao Desenvolvimento Rural.

O curso foi uma grande conquista para o Movimento dos Trabalhadores Sem Terra, possibilitando um crescimento profissional para os assentados e assentadas, além de contribuir com a qualidade do ensino público, principalmente no que tange a educação do campo.

Já para a Unemat, a materialização deste curso representou um grande avanço na política institucional da universidade em relação à educação do campo, passando por diversos conflitos, são só financeiros, mas também de ordem ideológica nas concepções pedagógicas entre o MST e a universidade.

Por fim, com essa experiência é possível ultrapassar a linha do olhar capitalista e passar a enxergar os anseios dos povos do campo, a necessidade de transformação estrutural e conjuntural, visando novas alternativas para a educação dos povos do campo.